
A BUSCA DO CORPO IDEAL: REFLETINDO SOBRE A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SATISFAÇÃO CORPORAL DE MULHERES E O PAPEL DO EDUCADOR FÍSICO NESSE SENTIDO

Luciana de Freitas Gomes

(Mestranda em Educação Física- UFJF);

Fernanda Dias Coelho

(Mestranda em Educação Física- UFJF);

Daniele de Freitas Gomes

(Estudante de Educação Física- UFJF);

Mônica Rodrigues Maia de Andrade

(Mestre em Educação Física- UFJF/Colégio de Aplicação João XXIII);

Maria Elisa Caputo Ferreira

(Pós-doutorado-Universidade Federal de Juiz de Fora)

Raphaely Rodrigues Maia

(Graduada em Educação Física-Faculdade Metodista Granbery)

Introdução

Observa-se na atualidade, uma grande preocupação com a busca do corpo ideal socialmente imposto (COELHO; SEVERIANO, 2007; FERREIRA; GUIMARÃES, 2006; FERNANDES, 2003). O corpo, em sua totalidade, passou a ser um objeto de investimento quotidiano, passível de modificações em nome da beleza (VAZ, 2006). Sendo assim, tornou-se comum observarmos uma construção e reconstrução corporal, que muitas vezes ultrapassa as características fisiológicas, biológicas e psicológicas individuais. Para Frois et al(2011, p. 74) a aparência do corpo merece destaque, pois traduz os valores da atualidade: “imediatismo, juventude, liberdade, magreza e músculos proeminentes e definidos”, onde para se atingir este arquétipo, pode-se fazer modificações através de uma diversidade de recursos que a ciência atualmente oferece e que é amplamente divulgado através da mídia.

O corpo, conforme evidencia Fernandes (2003, p.14) é hoje “hiperinvestido”, porém frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, tendo como consequência um aumento da insatisfação corporal. Este passou a ser foco de maior atenção e estudos, tornando-se assim base de altos investimentos e muitas vezes de altas decepções. Silva e Gomes (2008) afirmam que esta persuasão da mídia sobre o nosso cotidiano entranha valores na sociedade atual. Estes autores dizem que ultimamente a felicidade não se encontra mais atrelada à idade, mas a figura do corpo jovem, deixando de ser temporal para se tornar corporal, “a idade é acessória, pode ser trapaceada” (IBID., p.205).

Segundo Damasceno et al (2005), uma das problematizações acerca desta busca desenfreada pelo modelo perfeito, destaca-se pela forma como a insatisfação corporal

tem crescido. Este fato, segundo este autor, tem ocorrido paralelamente ao aumento da exposição de corpos magros, reafirmando a anatomia ideal, o que causa uma compulsão por este protótipo corporal apresentado nas programações dos canais midiáticos.

Esta procura pelo corpo ideal, segundo Ferreira e Guimarães (2006) está cada vez mais suprimindo a capacidade crítica em detrimento dos padrões corporais determinados. Para estas autoras, tornou-se comum a beleza ser adquirida a qualquer preço. Para Santana (2002) este exemplo ideal, presente nos meios de comunicação, é muitas vezes inatingível pela maioria da população, o que pode gerar um descontentamento do indivíduo em relação a si mesmo (FERNANDES, 2003). Estes corpos esculpidos, magros e jovens viraram objetos de consumo e refletem o desejo social de eternização da juventude, conseguido de forma rápida e eficaz (FROIS, 2011).

Se fizermos uma observação atenta, notaremos que a mídia possui diversas formas de manipular o corpo e torná-lo objeto de consumo. Nota-se em sua programação receitas fáceis e imediatas para o alcance do corpo socialmente idealizado. Dicas de como se alimentar melhor, usar corretamente os cosméticos, de praticar atividade física para se obter a maior queima calórica, são comuns em suas apresentações (COSTA; VENÂNCIO, 2004), assim como propagação de cirurgias plásticas, lipoaspiração, dietas, exercícios físicos, usos de próteses, remédios e anabolizantes, sendo estes apenas alguns desses recursos científicos oferecidos nos dias atuais.

Em pesquisa realizada com o objetivo de observar a influência das mídias, concluiu-se que a televisão é o meio mais difundido na atualidade, seguido por computador e, conseqüentemente a internet (RIZZINI et al, 2005), podendo ainda serem citados as revistas, jornais, rádio, cinema (BRAGA, 2009) e as agências bancárias (LEVY, 1999). Sendo que estes autores compartilham da mesma concepção, no sentido de destacar que a influência midiática merece demasiada atenção nos dias atuais, por ser um importante veículo de informação e constituição social (FROIS et al, 2011)

Dessa forma podemos ressaltar este elemento como uma das fontes de transmissão de símbolos que são entranhados nos sentidos do mundo atual e uma das responsáveis pela difusão das técnicas de modificações corporais na busca do belo (ANZAI, 2000). A capacidade de influenciar a sociedade contemporânea e arraigar informações e valores no cotidiano das pessoas é resultado da normalidade que estes meios entram em nossa vida, constituindo um elemento pertencente ao nosso dia a dia (KELLNER, 2001)

Merece atenção o fato dos corpos que se diferenciam desta imagem ideal só serem interessantes à mídia se forem usados como exemplo a não ser seguido. Enquanto os que se assemelham ao padrão são considerados símbolos de domínio, melhor classe social e maior poder aquisitivo. “Quanto mais próximo o corpo estiver da imagem ideal, mais alto será seu valor e poder” (COSTA; VENÂNCIO, 2004, p.64).

Outro ponto que merece ser apontado e também recebe influência direta dos avanços tecnológicos e da atenção midiática é o corpo feminino (SANT’ANNA, 2001). O destaque dado à idealização do corpo das mulheres caracteriza-se pela magreza, tornando este o modelo buscado por esta população (CONTI et. al, 2009; BERGSTROM et al, 2000).

No entanto, torna-se imprescindível destacar que o fato das mulheres buscarem adequar-se ao modelo de beleza proposto pela sociedade, não é uma exceção da atualidade. Estas sempre escravizaram seus corpos, ao longo dos anos, para alcançar o exemplo de corpo perfeito no momento observado (FERNANDES, 2003). O corpo das mulheres sempre foi associado à beleza, porém ocorreram diversas modificações na forma como este encanto era (e é) visto e manifestada no decorrer do tempo. Estes

padrões modificaram-se de acordo com “os interesses econômicos, os padrões morais e os argumentos científicos de cada época”, sendo comum, por exemplo, entre 1900 e 1930 usar remédios para se atingir a beleza almejada, sendo estes indicados para “curar a feiúra” (SANT’ANNA, 1995, p.122).

Já na contemporaneidade, novos olhares são lançados sobre o corpo feminino, e outras representações são arraigadas ao seu contexto. Criou-se a ilusão de que ao não seguir o padrão estético determinado, a feiura é somente responsabilidade da pessoa, o que denota uma negligência da parte desta para com seu corpo. Cada mulher é responsável pela própria aparência, devendo-se manter sempre belas e jovens (SANT’ANNA, 1995).

Contrasta-se o fato de se existir tantos meios para se buscar a beleza e esta escolha continuar fora dos padrões. Episódio este, julgado e condenado. O cuidar do corpo começou a ser vendido como um prazer de se embelezar e um momento de cuidar de si mesma (SANT’ANNA, 2001). Compartilhando desta mesma concepção Fernandes (2008) diz que esta preocupação exacerbada com a magreza ocasiona uma verdadeira opressão feminina, onde pequenas imperfeições corporais são vistas como um verdadeiro desastre, possuindo estas a obrigação de permanecerem esbeltas e dentro do ideal de corpo socialmente aceitável.

Porém, conforme ressaltado por Fernandes (2008) não basta à mulher ser somente bela, esta deve ser capaz de desempenhar diversos outros papéis, com a mesma dedicação que cuida de si mesma. Deseja-se na atualidade uma pessoa que seja boa amante, culta, mãe exemplar, dona de casa cautelosa e independente financeiramente. Frente à constatação da impossibilidade de ser tudo que se exige dela socialmente, é arremetida pela culpa de fugir a este protótipo.

O corpo feminino, de certa forma, encontra-se aprisionado pelo arquétipo socialmente determinado. Entretanto pouco se fala sobre as problematizações decorrentes deste contexto. Problemas alimentares, como a anorexia e a bulimia, aparecem atualmente, destacados no cenário contemporâneo. Este fato nos faz refletirmos, conforme Fernandes (2008) sobre a especificidade do mal-estar das mulheres na atualidade, visto que estas patologias são encontradas em sua maioria no público feminino.

Como já citado anteriormente, tornou-se comum vermos casos de anorexia em mulheres nos dias atuais, sendo que este mal é conhecido desde a Idade Média. Os primeiros relatos clínicos relacionados a esta patologia datam do século XVII (FERNANDES, 2008). Contudo sabe-se que as modificações usadas no século XVII para melhorar a aparência corporal eram somente pousadas sobre o corpo, como os espartilhos que tinham o objetivo de afeiçoar as formas. Atualmente estas modificações são feitas de dentro para fora, através de várias intervenções modeladoras. Se antes se buscava boas maneiras e posturas, atualmente valorizam-se os corpos magros e vigorosos. (BETTI, 2004). E para se adequarem a ordem corporal da atualidade, o corpo das mulheres vem sendo transformado por várias obrigações corporais que muitas vezes vão além de sua condição fisiológica (FRAGA, 2001).

Depois de entranhados esses valores no cotidiano individual, um dos locais onde este culto ao corpo pode ser melhor entendido e manifestado encontra-se em uma das áreas de atuação do educador físico. As academias, por exemplo, para os autores Hansen e Vaz (2006) são os locais onde o culto ao corpo pode ser mais bem entendido e manifestado. É comum observarmos, presentes neste ambiente, aspectos apresentados na mídia como ícone da moda atual, entre os quais podemos observar corpos bronzeados, magros, saudáveis e figurinos que estejam em voga.

Costa e Venâncio (2004, p.62) enfatizam a prática de atividade física como uma importante ferramenta da biotecnologia para manutenção e preservação da boa forma, sendo assim a academia deve ser vista como um dos locais em que o corpo pode ser moldado na busca do modelo ideal.

Portanto, após observar os fatos supracitados objetiva-se com este artigo, de cunho interpretativo, apresentar uma reflexão acerca do papel da Educação Física no contexto corporal atual. Face ao estereótipo construído nesta realidade, torna-se de suma importância um olhar crítico dos profissionais de educação física sobre esta condição. Estes devem ter em consideração, que nem sempre este padrão apresentado, respeita as limitações individuais do sujeito. Cabe então a estes, servirem como mediadores, agindo de forma crítica no exercício de sua ocupação. Torna-se imprescindível observar, as limitações e especificidades de cada indivíduo presente na sociedade, e até onde seria saudável esta busca desenfreada pelo arquétipo apresentados pelas diversas representações midiáticas da atualidade.

Este profissional deve se preocupar em explicar aos seus alunos a diferença entre a imagem real e a imagem ideal exposta na mídia, sendo que esta muitas vezes não corresponde àquela, devendo as limitações dos alunos serem respeitadas. Os profissionais de Educação Física, devem em função disto atentar para o fato de não reforçarem o mesmo discurso presente na mídia, baseado nesta busca desenfreada do corpo esteticamente perfeito, onde os limites corporais são desconsiderados na busca de torná-lo mais aceitável e próximo desta idealização (SANT'ANNA, 2004).

Conclui-se, portanto, que devemos refletir sobre o fato destes padrões impostos nem sempre se preocuparem com as características individuais femininas. Precisamos sempre estar atentos e inquietos nesta construção e reconstrução corporal, tendo cuidado para que esta busca desenfreada pela beleza não transgrida as características fisiológicas, biológicas e psicológicas individuais. Atuando sempre com uma visão crítica na prática e não apenas como mero reproduzidor do que lhe é imposto.

Referências

- ANZAI, K. O corpo como objeto de consumo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 71-76, jan. 2000
- BETTI, M. Educação Física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: RUBIO, K.; CARVALHO, Y. M. (Orgs.) **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.155-169.
- BERGSTROM, E.; STENLUND, H.; SVEDJEHALL, B. Assessment of body perception among Swedish adolescent and young adults. **Journal of Adolescent Health**, v. 26, p. 70-75, 2000.
- BRAGA, A. Corpo, Mídia E Cultura. **Razón Y Palabra**, México, ano 14, n. 69. 2009
- COELHO, R. F. J.; SEVERIANO, M. F. V. História dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 83-100. jan. 2007.
- CONTI, Maria Aparecida et al . A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2009.

- COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. Atividade Física e Saúde: discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59-74. mar. 2004
- DAMASCENO, V. O.; LIMA, J. R. P.; VIANNA, V. R. A.; NOVAES, J. S. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal em praticantes de caminhada. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, p. 181-6. 2005.
- FERREIRA, M. E.; GUIMARÃES, M. **Educação Inclusiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- FERNANDES, M.H. **Psicossoma IV**: corpo, história, pensamento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008
- FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.
- FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 1, Mar. 2011 .
- HANSEN, R.; VAZ, A. F. “Sarados” e “gostasas” entre alguns e outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 133-152. jan. 2006
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999
- RIZZINI, I. et al. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 6, n.11z, 2005
- SANT’ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-24.
- SANT’ANNA, D. B. **Políticas do corpo**: Elementos para uma história das políticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SANT’ANNA, D. B. Vertigens do corpo e da clínica. In: FONSECA, T.M.G.; ENGELMAN, S. (org) **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- SANTANA, I. **Corpo aberto**: Cunningham, dança e novas tecnologias. São Paulo: Educ, 2002.
- SILVA, P. N. G.; GOMES, E. S. L. Eternamente Jovem: corpo malhado, ficção televisual e imaginário. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 197-207. maio. 2008
- VAZ, P. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 6, p.37-61. mar. 2006